

O solapamento do SUS

HENRIQUE SANTILLO

Encastelados em grupos que se tornaram bilionários graças à exploração mercantilizada da medicina — e interessados em ampliar ainda mais o espectro da exploração da miséria brasileira — setores se juntam numa insidiosa campanha contra o Sistema Único de Saúde. Poderosos e bem articulados, não lhes é difícil municiar parte da mídia, diariamente, de informações negativas e também deformadas sobre o atendimento médico-hospitalar que o Governo, através do SUS, presta a um universo superior a 125 milhões de brasileiros.

Não é preciso ser um arguto observador para notar que, enquanto se multiplicam matérias-denúncias sobre o caos nas redes pública e conveniada, praticamente nada é dito sobre os planos de saúde que escamoteiam de seus segurados o direito natural à assistência em todos os tipos de doenças.

No afã de torpedear o sistema, investem também contra os que trabalham pela correção de desvios e o fortalecimento da única opção do cidadão pobre — a grande e imensa maioria dos brasileiros. Utilizam-se de expedientes escusos, como as tentativas de inverter a realidade dos fatos.

É o que ocorre, por exemplo, com as auditorias por mim instituídas e determinadas na rede conveniada. E também com o sistema informatizado que rejeita contas irregulares, além de impedir o estoque indevido de Autorizações de Internação Hospitalar por Secretarias estaduais e municipais de Saúde, para serem usadas como moeda em épocas como as eleições, por exemplo. Os inimigos do SUS plantam notas nos jornais como se o Ministério da Saúde é que estivesse

sendo investigado e não os hospitais e gestores regionais do sistema.

Vou continuar com as auditorias e o inflexível combate à corrupção. Mas não nos limitamos a esse campo. Desde que assumi o Ministério da Saúde, em 1º de setembro do ano passado, empenho-me com firmeza no sentido de criar e implementar programas destinados a iniciar a mudança do atual sistema de saúde. Ele se baseia no hospital, com altos custos, em detrimento das ações de prevenção das doenças e promoção da saúde. O Programa Saúde da Famí-

“O que fazer com os 90 milhões de brasileiros sem condição de pagar seguro-saúde?”

lia, já em curso em considerável número de municípios, é exemplo da boa medicina preventiva. Na mesma linha estão os programas de Interiorização da Medicina e o de Ambulatórios de Alta Resolutividade.

Outra meta importante é a municipalização da saúde. Já temos cerca de 1.400 municípios brasileiros em condições de gerenciar os sistemas locais. Como são os maiores, abrigam 70% da população nacional. Em abril último enviei à apreciação do presidente Itamar Franco minuta de decreto que regulamenta a le-

gislação específica da saúde, instituindo a transferência direta dos recursos do Fundo Nacional de Saúde para os fundos estaduais e municipais.

Com o advento desse decreto acabarão as AIHs e as Unidades de Cobertura Ambulatorial, as UCAs. Os repasses se farão com base na população dos municípios que, lá na ponta, terão condições de fazer a fiscalização prévia das internações e de todos os serviços prestados pela rede conveniada. O controle social também será viável através dos conselhos municipais de saúde, democrática e paritariamente constituídos.

Num Brasil com 150 milhões de pessoas em condições de miserabilidade não há como prescindir do SUS. E nem se render à meta dos que querem elevar a clientela dos planos de saúde, de 32 para 60 milhões de segurados. E o que fazer com os outros 90 milhões de brasileiros sem nenhuma condição de pagar seguro-saúde, mesmo os mais baratos, de medicina de grupo?

Para se ter idéia das coisas boas que o SUS faz — e que não tem espaço no noticiário da imprensa — basta citar alguns números, como o de 1,3 milhão de internações mensais. Ou os 15.612.000 internações em 1993. É o SUS que custeia 28 mil pacientes renais mantidos vivos através de hemodíalises, em média há cinco anos, aguardando a chance de um transplante. Foram 40 mil cirurgias cardíacas na rede pública. Há muito mais ainda para se falar, mas o espaço de um artigo é pouco. Mas também não dá para ficar calado e assistir, sem indignar-se, à sordida e desumana investida contra o SUS.

Henrique Santillo é ministro da Saúde.